



RESUMO EXPANDIDO

A INFLUÊNCIA DO COMPANHEIRO NO CRIME DE TRÁFICO DE DROGAS PRATICADO POR MULHERES PRIVADAS DE LIBERDADE

Ellen Alice da Silva Pereira¹; Ellen Cristina da Silva Pinto²; Douglas da Silva Araújo³(Me.)

RESUMO

Este estudo investiga a influência do companheiro no envolvimento de mulheres no tráfico de drogas, destacando fatores como coação, dependência emocional e questões socioeconômicas. A pesquisa identifica uma forte relação entre a atuação no tráfico e a influência do parceiro afetivo, evidenciando o impacto do contexto social e afetivo na trajetória criminosa dessas mulheres. Conclui-se que as políticas públicas específicas são essenciais para compreender essas dinâmicas e promover a reintegração social das mulheres privadas de liberdade.

PALAVRAS-CHAVE: Companheiro, Mulher, Cárcere.

INTRODUÇÃO

Embora o tema tenha sido exposto de forma tangencial em estudos sobre a violência doméstica, machismo e criminalidade feminina, literaturas específicas que analisam o impacto direto da influência do companheiro no envolvimento feminino no tráfico de drogas são escassas. Este estudo busca preencher essa lacuna, oferecendo uma análise crítica das dinâmicas afetivas que moldam a trajetória criminosa dessas mulheres.

Espera-se que os resultados obtidos devam fornecer subsídios importantes para o desenvolvimento de políticas públicas direcionadas às especificidades das mulheres no sistema prisional, promovendo não apenas as questões de criminalidade, mas também as dinâmicas afetivas que envolvem suas trajetórias. Tais políticas incluem medidas de ressocialização, apoio

psicológico e capacitação profissional.

MÉTODO

Este estudo adota uma abordagem quantitativa e narrativa, utilizando dados do RELIPEN (2024) e INFOPEN-MULHERES (2014) para analisar a situação das mulheres no sistema penitenciário brasileiro. Foram comparados dados específicos sobre a população feminina reclusa, explorando as condições atuais e os desafios enfrentados. Complementarmente, artigos científicos, dissertações e uma obra literária nacional sobre o cotidiano prisional feminino foram analisados, com foco nas dinâmicas emocionais e sociais que envolvem a influência de parceiros afetivos no envolvimento criminoso. Uma pesquisa integra perspectivas do Direito, Psicologia e Sociologia para compreender as relações de poder, dependência emocional e os impactos do cárcere.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O estudo revelou que a criminalidade feminina no tráfico de drogas está profundamente relacionada à desigualdade de gênero, vulnerabilidades socioeconômicas e violência doméstica. A influência de parceiros afetivos foi evidenciada como um fator determinante, seja por coerção, dependência emocional ou submissão às dinâmicas do tráfico.

Entre os principais achados, constatou-se que:

1. **Causas do encarceramento:** O fator, que desencadeou compreendermos a objetividade do estudo apresentado, foi a evolução do encarceramento feminino.

A participação da mulher no tráfico está interligada com a dinâmica de gênero e ao machismo estrutural que permeia as relações conjugais. Em muitos casos, essa submissão ao parceiro, torna comum assumir o papel de coadjuvante, e designada a ser “mula” ou “guardadora de drogas”, por ser vulnerável aos canais de fiscalização de segurança pública ou privada, o que facilita sua passagem ilesa e sua participação em operações ilícitas, no



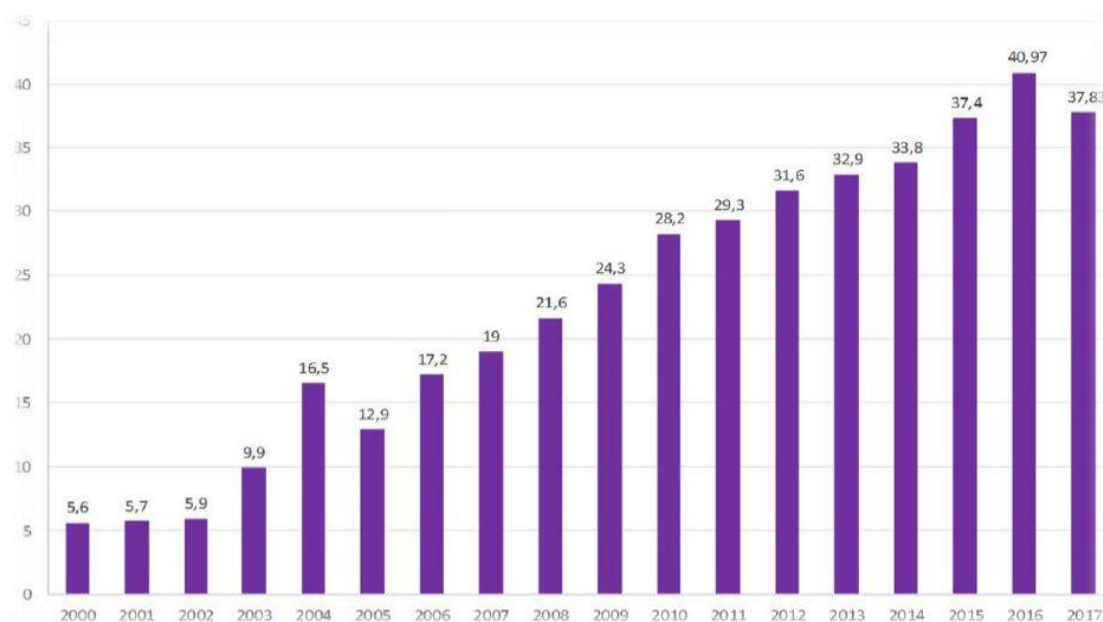
comercio de drogas.

De acordo com os dados do Departamento Penitenciário Nacional, as mulheres representam cerca de 4,34% da população prisional brasileira, totalizando 28.770 reclusas.

Estudos indicam que intensificou após a promulgação da Lei de Drogas nº 11.343/2006, que reforça punições severas, mas não diferencia o usuário do traficante.

Abaixo, o Gráfico 1, demonstra exatamente a evolução de mulheres privadas de liberdade, principalmente, posterior a Lei de Drogas:

Gráfico 1 – Evolução das mulheres privadas de liberdade entre 2000 a 2017

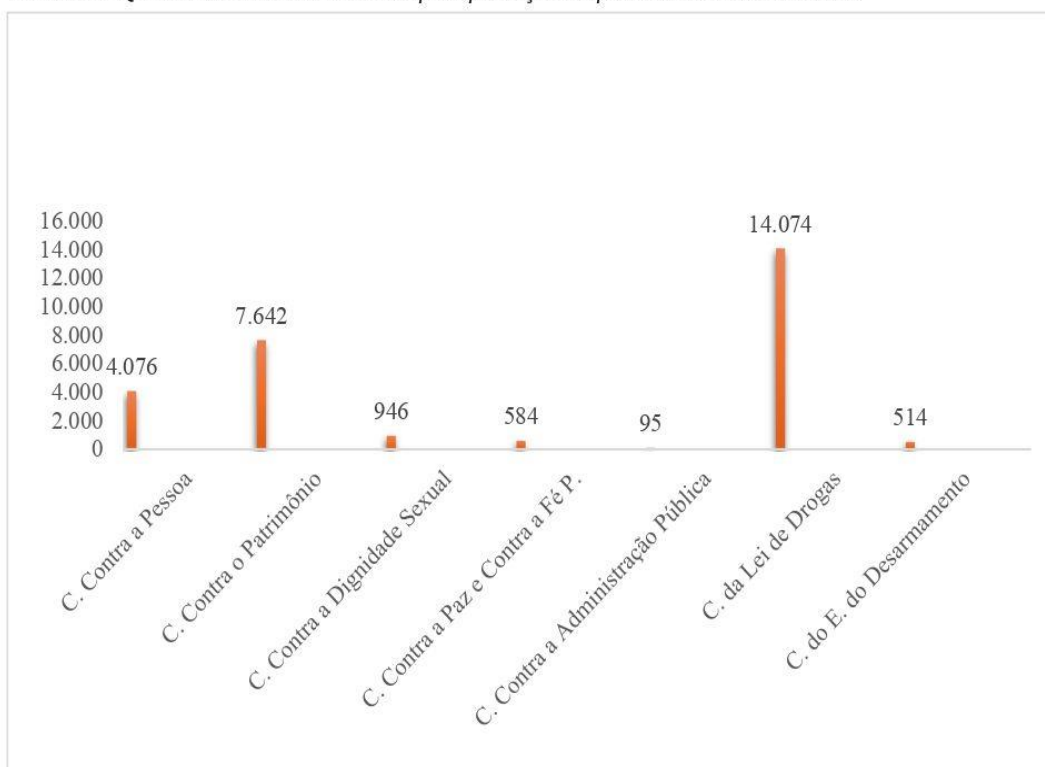


Fonte: Ministério da Justiça e Segurança Pública. A partir de 2005, dados do INFOPEN.

O gráfico 2, observa-se que os crimes previstos na Lei de Drogas nº 11.343/2006, são responsáveis por 50,39% do encarceramento feminino atual do Brasil. Especificamente: Tráfico de Drogas, Associação para o Tráfico; Tráfico Internacional de Drogas.



Gráfico 2 – Quantitativo de encarceradas por tipificação no primeiro semestre de 2024

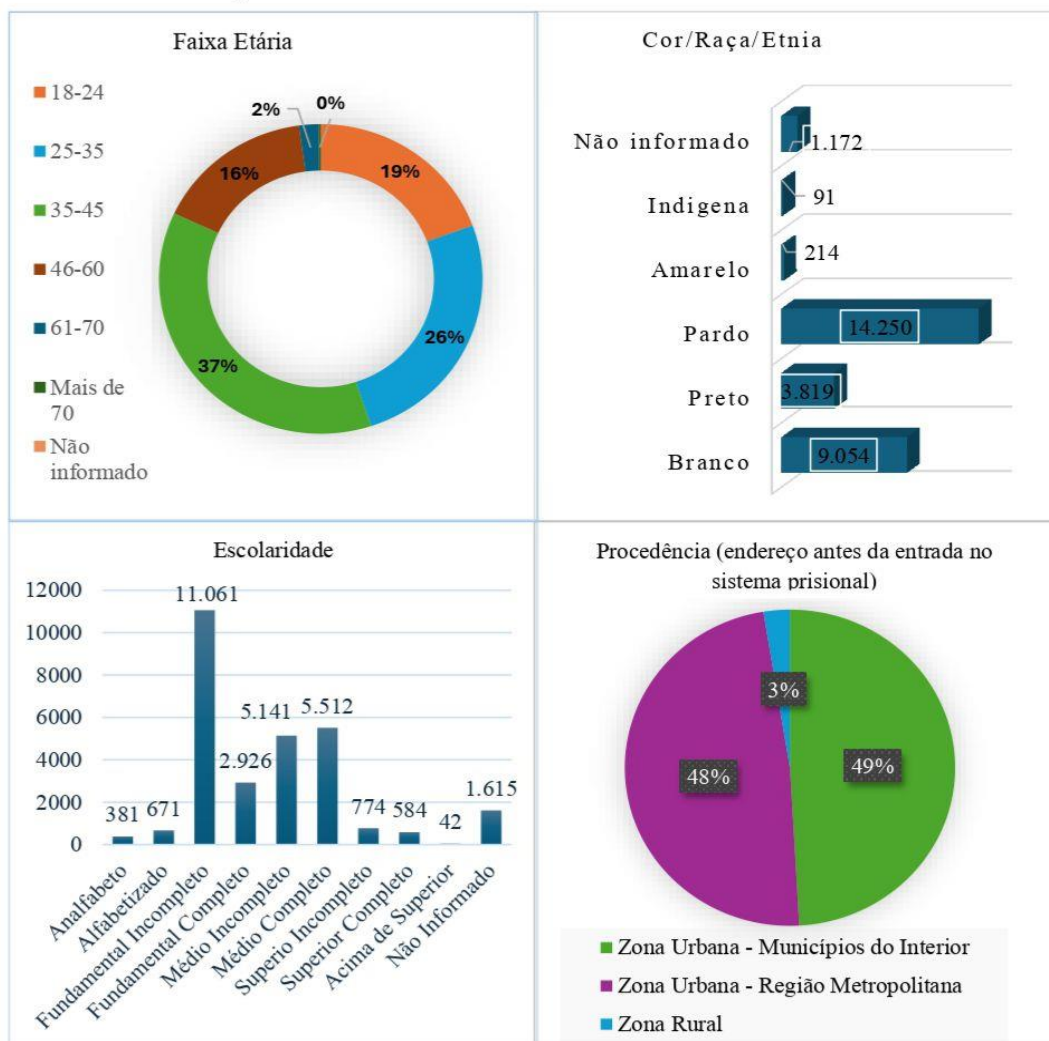


Fonte: produzido a partir dos dados do DEPEN (2024.1)

2. Perfil socioeconômico: A maioria das mulheres encarceradas enfrenta precariedade social. Conforme dados demonstrado logo abaixo, 63% das internas são jovens entre 25-45 anos, com baixa escolaridade, ou seja, 38,5% possuem ensino fundamental incompleto, o que reflete em dificuldades em encontrar emprego e garantir autossuficiência.

Cerca de 63,18% das detentas, tem predominância na cor/raça preta ou parda, evidenciando descriminalização e seletividade penal. Ademais, cerca de 52%, oriunda de regiões interioranas, antes da prisão, enfrentando a falta de oportunidades e encontrando o varejo de entorpecentes como saída.

Gráfico 3 – Perfil demográfico do encarceramento feminino no Brasil



Fonte: produzidos a partir dos dados do DEPEN (2024.1)

3. **Impactos sociais e emocionais** : O encarceramento resultou em rupturas familiares, abandono de parceiros que influenciaram os delitos, solidão e dificuldades de reintegração social, tendo em vista, que a ressocialização feminina se concentram em funções domésticas, ignorando sua real necessidade durante e posterior ao cárcere.

4. **Papel da violência de gênero** : Muitas mulheres são coagidas por parceiros para cometer crimes. Enquanto outras, por autonomia, buscam no tráfico uma forma de resistência e poder, ainda que subordinadas às estruturas masculinas de dominação, por trás existe uma trajetória de vida

com abuso emocional, abandono e agressão física. Vivendo sob constante repressão, elas buscam poder em um mundo onde sua ascensão é marcada pela submissão, ou seja, por mais que elas dominem alguma parte do varejo de drogas, precisam se sujeitar as figuras masculinas dominantes.

5. **Ressocialização ineficaz:** As políticas aplicadas perpetuam papéis tradicionais, como a domesticação do lar, a socialização é vista como um fator de proteção contra práticas infracionais e não capacitam para o mercado de trabalho, por exemplo, reforçando a exclusão e o retorno ao ciclo criminoso.

CONCLUSÕES

A conclusão do estudo destaca que o encarceramento feminino por tráfico de drogas está intimamente relacionado à influência masculina, embora também haja uma busca de poder econômico e autonomia por parte das mulheres.

O perfil das mulheres encarceradas revela grande vulnerabilidade social, sendo muitas vezes impulsionadas pela necessidade de garantir a subsistência familiar.

A pesquisa apontou que a influência do parceiro é um fator central nas decisões dessas mulheres, com um impacto significativo nas suas escolhas, frequentemente mascarado pela fragilização e a busca por estabilidade.

A pesquisa, embora relevante, reconhece que existem lacunas que ainda necessitam de aprofundamento, como uma investigação direta com as mulheres encarceradas para uma compreensão mais detalhada.

Por fim, o estudo sugere a implementação de políticas públicas voltadas para a prevenção, a ressocialização e a promoção da igualdade de gênero. Isso envolve o acesso à educação, capacitação profissional e apoio psicológico para as mulheres no sistema prisional, além de medidas contra a violência de gênero, visando promover liberdade de escolha e melhorar a qualidade de vida das mulheres afetadas pela opressão patriarcal.



REFERÊNCIAS

BARCINSKI, Mariana; CÚNICO, Sabrina. *Mulheres no Tráfico de Drogas*. Revista Civitas, Porto Alegre, v.16, n. 1, p. 59-70, janeiro-março, 2016.

BRASIL. Relatório de Informações Penais - RELIPEN: Dados estatísticos do Sistema Penitenciário. Secretária Nacional de Políticas Penais - SENAPPEN, 2024.

CORTINA, Mônica. *Mulheres e tráfico de drogas: aprisionamento e criminologia feminista*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 23(3): 406, setembro-dezembro, 2015.

ISAAC, Fernanda; CAMPOS, Tales. *O Encarceramento Feminino no Brasil*. CEE Fiocruz, 2019.

NARVAZ, Martha; KOLLER, Sílvia. *Família e Patriarcado: Da Prescrição Normativa à Subversão Criativa*. Revista Psicologia & Sociedade, 18(1): 49-55; jan/abr. 2006.

RAMOS, Luciana. *Por amor ou pela dor: Um olhar feminista sobre o encarceramento de mulheres por tráfico de drogas*. Dissertação (Mestrado em Direito) - Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

RIBEIRO, Ludmila; LOPES, Tacyana. *Justiça criminal e gênero: O fluxo do tráfico de drogas em Montes Claros, Minas Gerais, de 2009 a 2014*. Revista Dilemas - Rio de Janeiro - Vol. 12 - nº2 - Maio/Agosto, pp. 401-426, 2019.



RIBEIRO, Ludmila; MARTINO, Natália; DUARTE, Thaís Lemos. *Antes das grades: perfis e dinâmicas criminais de mulheres presas em Minas Gerais*. Revista Sociedade e Estado - Volume 36, Número 2, Maio/Agosto 2021.

SOUZA, Kátia. *A Pouca Visibilidade da Mulher Brasileira no Tráfico de Drogas*. Revista Psicologia em Estudo, Maringá, v.14, p. 649-657, out./dez, 2009.

VARELLA, Drauzio. *Prisioneiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

